

**DE SOCIÓLOGA NO INPS A PESQUISADORA NA FIOCRUZ:
MEMÓRIAS E DEBATES NA APSERJ E ACISERJ - ENTREVISTA
COM MARIA HELENA MENDONÇA**

Gracielle Rodrigues¹

Lier Pires Ferreira²

Roberto Mosca Junior Junior³

RESUMO: Entrevista concedida, como as demais que integram o presente Dossiê da Revista Perspectiva Sociológica, como parte do resgate da memória de fatos e passagens relacionados ao processo de formação da Associação Profissional dos Sociólogos do Estado do Rio de Janeiro (APSERJ) nos anos 1980. Os relatos jogam luz sobre a discussão da profissão de sociólogo, que acabou abrindo caminho para luta pela reinserção da Sociologia na escola básica, no segmento então nomeado 2º grau, com a aprovação da obrigatoriedade alcançada na constituição estadual de 1989. São sete depoimentos de cientistas sociais que se envolveram em maior ou menor grau na criação da Associação e na luta pelo retorno da sociologia a escola básica. A presente entrevista é um depoimento de Maria Helena Mendonça, professora e pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz-FIOCRUZ. Os depoimentos fazem parte de uma série de entrevistas realizadas entre setembro 2020 e junho 2021 no âmbito da pesquisa acadêmica “Organizações e Lutas pelo Ensino de Sociologia na Educação Básica” proposta pelo prof. Lier Pires em parceria com o prof. Roberto Mosca Junior e a bolsista Gracielle Rodrigues do Programa de Iniciação à Docência desenvolvida no contexto da licenciatura em Ciências Sociais Colégio Pedro II, PIBID/CP2.

55

Palavras-Chave: Ensino de Sociologia, Sociologia no Ensino Médio, Movimentos Sociais, Memória.

ABSTRACT: Interview granted, like the others that make up this Dossier of Sociological Perspective (issue #32), as part of the rescue of memories of facts and passages related to the formation process of the Professional Association of Sociologists of the State of Rio de Janeiro (APSERJ) in the 1980s. The accounts shed light on the discussion of the

¹ Graduanda em Psicologia - Universidade Veiga de Almeida. Ex-bolsista no PIBID/CP2 - 2020.

² Doutor em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor Titular do Colégio Pedro II. Pesquisador do Laboratório de Estudos Políticos de Defesa e Segurança Pública (Lepdesp/UERJ) e do Núcleo de Estudos dos Países BRICS (NuBRICS/UFF).

³ Doutorando e mestre em Ciências Sociais pelo PPCIS/UERJ. Bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela UERJ. Pesquisador (CNPq) do LAEDH/CPII, na linha de pesquisa do Grupo de Estudos em Ciências Sociais e Memória (GECISME). Professor do Departamento de Sociologia do Colégio Pedro II.

sociologist profession, which ultimately paved the way for the struggle for the reintegration of Sociology into basic education, then referred to as High School, with the mandatory approval achieved in the state constitution of 1989. There are seven testimonies from social scientists who were involved to a greater or lesser extent in the creation of the Association and in the fight for the return of sociology to basic education. This interview is a testimony from Maria Helena Mendonça, a teacher and researcher at the Oswaldo Cruz Foundation - FIOCRUZ. The testimonies are part of a series of interviews conducted between September 2020 and June 2021 within the academic research "Organizations and Struggles for the Teaching of Sociology in Basic Education" proposed by Prof. Lier Pires in partnership with Prof. Roberto Mosca Junior and the scholar Gracielle Rodrigues from the Initiation to Teaching Program developed in the context of the Social Sciences degree at Colégio Pedro II, PIBID/CP2.

KEYWORDS: Teaching of Sociology, Sociology in High School, Social Movements, Memory.

Roberto Mosca Júnior (RMJ): Professora Maria Helena, bom dia.

Lier Pires Ferreira (LPF): É um prazer recebê-la aqui. A perspectiva com a senhora, se a senhora permitir, além daquele roteiro básico que eu já havia lido passado, é falar um pouco das origens da APSERJ, desde a associação anterior. Porque eu acho que a senhora tem essa memória também. Participou desde a ACISERJ, não é isso?

56

Maria Helena Mendonça (MHM): Associação dos Cientistas Sociais do Estado do Rio de Janeiro, que congregava os historiadores, os geógrafos, demógrafos, licenciados e graduados nos cursos de Ciências Sociais que atuavam como docentes ou pesquisadores - ACISERJ.

LPF: ACISERJ.

MHM: É a Associação dos Cientistas Sociais do Estado do Rio de Janeiro.

RMJ: De 1979, 1978, se não me engano ?

MHM: Não, de 1977.

RMJ: 1977, isso.

MHM: 1976, 1977, por causa dos movimentos dos direitos humanos e pela anistia geral e irrestrita.

RMJ: Sim, sim.

MHM: A questão da anistia era a dimensão política unificadora. Ela era uma entidade civil, entende? Ela não tinha ainda pretensão, nem profissional, nem nada.

LPF: Eu pediria para a senhora ao longo do processo resgatar essa memória a partir daí, porque são registros, para nós, valiosíssimos. E que já não temos mais quem nos auxiliem. Infelizmente muitas pessoas já vieram a falecer. Essa semana nós tivemos a notícia, esses dias, inclusive, que a professora Moema Toscano, que havia feito a defesa da Sociologia.

RMJ: No plenário.

LPF: No plenário da ALERJ... Ela faleceu em 2017. Então, a gente precisa realmente resgatar essa memória. Eu vou deixar que a Gracielle e o professor Mosca se apresentem também, para que a gente inicie a nossa entrevista.

RMJ: Gracielle, faça as honras.

Gracielle Rodrigues (GR): Oi, bom dia. Meu nome é Gracielle e, como o Lier disse, eu tenho dezenove anos e sou bolsista aqui. Eu estou muito feliz de fazer parte desse projeto, porque eu acho que é algo muito importante e eu estou bem animada. É isso. Agora o professor Mosca vai falar.

RMJ: Professora Maria Helena, primeiramente, gostaria de agradecer muito a presença da senhora aqui. E eu sou cientista social formado pela UERJ e ingressei no curso em 1993. E recebo toda essa tradição, digamos, toda essa... Através de alguns professores que estavam ali na UERJ, como por exemplo, a professora Luitgarde Oliveira... E desde então me interessei muito pelo tema, sobretudo, porque minha trajetória está diretamente ligada a ele. Sou professor da Educação Básica no Colégio Pedro II, hoje, e sou pesquisador na área de memória e, sobretudo agora, na área de memória do Ensino de Sociologia no estado do Rio de Janeiro. Então, como o Lier disse, a gente está nessa empreitada, como esse foco no primeiro momento, mais geral, sobre o Ensino de Sociologia no Rio de Janeiro, mas em particular sobre a APSERJ, pois a associação é um capítulo importante dessa história, como a senhora bem sabe. Acho que é isso.

LPF: Vamos lá? Vamos dar início? Mosca, por favor.

RMJ: Então, professora Maria Helena, a gente preparou um roteiro. Ele não é tão rígido, mas a gente acha interessante cumprir esse roteiro, esse *script*, para poder, para efeitos de pesquisa, para a gente oportunizar aos pesquisadores [no futuro] alguma sequência, enfim. Primeiro, a gente queria escutar um pouco a senhora sobre influências, essa dimensão da professora Maria Helena, da Maria Helena enquanto sujeito. Falar um pouquinho do ambiente familiar que a senhora conviveu, a formação dos seus pais, como foi o ambiente escolar no qual a Maria Helena se inseriu, onde e quando estudou. E se, nesse ambiente escolar, isso já foi moldando suas filiações intelectuais. A gente está falando também do Ensino Médio, por exemplo. E a gente tem um marcador aí, que a ideia é de um livro importante para a senhora. Acho que o início da entrevista é por esse caminho. Se a senhora puder recordar um pouquinho disso para a gente.

MHM: Vocês querem que eu faça alguma apresentação? Ou não precisa?

LPF: Seria muito bom professora.

RMJ: Seria ótimo.

MHM: Eu me chamo Maria Helena Magalhães de Mendonça. Sou formada, graduada em Sociologia e Política pela PUC do Rio de Janeiro no final de 1974. E na minha... Quer dizer, na minha trajetória da universidade, eu já tive convívio com diversos professores que foram influências importantes na minha formação acadêmica, a que depois eu retomo no âmbito da entrevista. Se eu pensasse na minha infância e adolescência, no meu ambiente familiar, foi um ambiente, assim, é bem difícil às vezes. Não é difícil de falar disso porque foi um ambiente bastante afetivo, mas também era um ambiente bastante tumultuado. Meu pai era militar. Minha mãe era professora primária, como se chamava naquele tempo, nos anos... Eu nasci em 1953. Então, nessa primeira fase da infância, tive muita oportunidade de acompanhá-la e ver o modo dela de trabalhar nas escolas. Ela era uma pessoa bastante conhecida na escola onde trabalhava como educadora, como alfabetizadora. E eu tive a oportunidade de ver como ela organizava, como ela dividia os grupos, como ela aceitava as diferenças, estimulava as crianças no sentido de fazerem seus primeiros passos na área de educação.

Esse ambiente, do lado da minha mãe, além dela ser professora, meu avô era sanitarista. Trabalhou no princípio do século XX, ele se formou, deve ter se formado em 1912, por

aí. Trabalhou com Oswaldo Cruz. Esteve nos EUA fazendo curso de especialização em planejamento e administração de saúde. Eu só me dei conta disso muitos anos depois, até eu encontrar, já depois da morte dele e da minha avó, algumas brochuras de textos que ele tinha apresentado na faculdade Hahnemaniana de Medicina, em algumas áreas desse ramo, desse campo da saúde pública. Era uma pessoa que eu admirava muito, que de alguma maneira dava essa dimensão bem humanista e ligada à questão de políticas públicas.

Meu pai, é... Eu dizia que era muito difícil para mim. Porque na universidade muita das vezes fui discriminada por ser filha de militar [coronel reformado como general], foi um período difícil porque eu fiz a faculdade entre 1971 e 1974. Era uma época de grande repressão. Ele já estava de alguma maneira... Ele teve problemas de saúde. De alguma maneira, durante a vida dele, ele procurou outras saídas, ele fez nos anos 1950, no final dos anos 1950, 1960, um curso de Filosofia e Ciências Sociais, na antiga faculdade Lafaiete, a qual depois gerou a UERJ. Então, essas contradições que às vezes ocorrem dentro da família... é uma família paterna de militares. Então a discussão política estava sempre presente na mesa, nas conversas. E os movimentos que estavam acontecendo na sociedade, a gente participava desde criança, ouvíamos, sentíamos os conflitos, os temores de um lado e de outro. Mas, assim, isso me ligou, inclusive à sua biblioteca. Agora, nos anos 2000, quando minha mãe faleceu e me legou uma parte da biblioteca dele, que era um homem muito estudioso, muito aplicado dentro do Exército. Fez toda aquela carreira de estudos, de estado maior até a escola superior de guerra, onde depois de retirado, atuava como docente. Me legou. E a biblioteca era um lugar sagrado na minha casa. Então ele não queria muito que a gente criança circulasse ... Era o escritório dele.

Você falou da “falta de um escritório” [risos]. Eu hoje construí um pequeno escritório aqui na minha casa, num espaço pequeno, mas confortável e de portas abertas. Porque a gente precisa dessa tranquilidade. Eu herdei um pouco da biblioteca dele. Um dos livros dele que mais me impactou e eu fui estudar um pouco mais tarde, foi “As Mudanças Sociais no Brasil” do Florestan Fernandes. Ele tinha mais ou menos a biblioteca toda do Florestan Fernandes. Ele não falava muito sobre isso, um homem discreto. Mas isso... Você vê ali não é, nos momentos que eu podia entrar escondida na biblioteca, eu dava uma olhada em algumas lombadas de livros e ia de alguma maneira imaginando um

determinado trajeto. Então, foi um ambiente... em que pese as questões mais políticas, de algumas tensões. Mas foi um ambiente afetivo e, na verdade, com uma formação bastante humanista. Às vezes não é muito, necessariamente, compreensível. É claro que o conservadorismo, o autoritarismo, aparecia em alguns elementos, mas de alguma maneira era um espaço que a gente tinha capacidade de falar, de dialogar, dentro de determinados limites.

RMJ: Professora Maria Helena.

MHM: Fala.

RMJ: Desculpe interromper, mas eu acho que a senhora vai entrar na formação da Escola Básica. Isso influenciou, por exemplo, a sua trajetória nas escolas?

LPF: Fala também se a senhora também estudou em escolas públicas ou privadas.

RMJ: Públicas...

MHM: O que acontece é o seguinte, são umas coisas que eu discuto até na minha geração. Minha mãe era uma professora da rede pública, ela era uma pessoa absolutamente apaixonada pelo trabalho dela. Teve uma formação nos anos 1930, princípio dos 1940, no Instituto de Educação. Então era uma pessoa muito sólida na formação dela. Eu brinco que a formação dela na época da escola normal, talvez fosse quase que uma formação que a gente vai ter depois na graduação. Foi aluna de Anísio Teixeira, de várias figuras bastante importantes. E ela gostava de falar disso. Agora ela, por uma questão, por algumas questões, ela não nos levou para a escola pública, entende? Ela tinha a sensação de que estaria ocupando um espaço, uma vaga que era difícil na maioria das vezes de ser alcançada. Que muitas vezes os filhos de professoras, dentro da escola, também eram muito visados por serem considerados privilegiados. Então ela... E no meu caso, eu comecei de alguma maneira a aprender a ler e escrever quase que sozinha pela influência de dois irmãos mais velhos que eu tinha e que já estavam na escola. E naquela época era muito rígido. Eu faço anos em fevereiro, e era exigido para a alfabetização os setes anos, e ela não se conformou, ela achava um absurdo eu esperar mais um ano para ser alfabetizada quando eu já tinha prontidão, já tinha condições de ser alfabetizada. Então ela me levou para uma escola pequena, uma escola menor no bairro. Mas era uma escola que ela conhecia a coordenadora pedagógica, ela tinha boas referências. Eu acho que essa

escola, não vou dizer que ela tenha me marcado muito, é uma história de uma escola pequena. Eu fui feliz lá. Tinha uma boa relação, era muito boa aluna. Então tinha uma situação bastante difícil em que eu senti que ela tinha algumas fragilidades quando eu fui fazer concurso de admissão, naquela época a gente para passar para o ginásio, fazia concurso de admissão. Eu tive algumas dificuldades, também, pelo meu temperamento com algumas questões minhas, pessoais, de timidez e pouca competitividade. E na realidade eu estudei no colégio da Tijuca, Paulo de Frontin. Colégio Estadual Paulo de Frontin. Durante três anos no ginásio. Mas depois meu pai também foi transferido. Eu e minha irmã acompanhamos a família, entende? E nós fomos para Santa Catarina. Onde eu tive uma escola, fui estudar em uma escola religiosa, que era uma boa escola. E quando eu voltei para o Rio continuei o ensino clássico em uma escola religiosa da Tijuca, Teresiana. E aí para mim, esse tem sido um marco importante. Eu não continuei praticando a religião católica, mas essa formação e principalmente esse contato com as irmãs teresianas, no final dos anos 1960, foi uma coisa bem marcante para mim, no sentido de ter uma visão de mundo cristã... Santa Teresa de Jesus na época, estava sendo indicada para doutora da igreja. E era uma pessoa, de alguma maneira, uma liderança em termos de organização política e social das mulheres, dentro da igreja no século XIV, eu acho. Então seu exemplo foi importante.

LPF: Desculpa interromper. O Colégio Paulo de Frontin é o colégio que fica na Rua Barão de Ubá, se não me falha a memória.

MHM: Isso mesmo. A minha mãe trabalhava naquela escola pública ao lado, que era Azevedo Sodré, também na Barão Ubá, no final da vida dela.

LPF: A escola Teresiano. O Colégio Teresiano é no Rio Comprido, não é?

MHM: Não, não. O Colégio Teresiano fica no Largo da Segunda-Feira.

LPF: No Largo da Segunda-Feira... ah tá.

MHM: No Largo da Segunda-Feira. Eu fui criada na Tijuca.

LPF: Ali na São Francisco Xavier?

MHM: É. Meus pais moravam na Tijuca.

LPF: Perfeito, perfeito.

MHM: Depois, eu não fiz pré-vestibular. Eu estudei muito no próprio Colégio Teresiano. Fui preparada pelo grupo. Apostei na escola que iria nos preparar. Quando eu fiz o vestibular no final de 1970. A UFRJ estava fechada. O curso estava sob intervenção, não é? [A faculdade estava] fechada. Eu fui muito estimulada.

RMJ: Professora, desculpe. Isso é a segunda metade da década de 1970? Ou primeira metade?

MHM: Não, eu fiz o vestibular no final... No ano 1970, 1970.

LPF: Início?

MHM: Eu fiz em dezembro o vestibular. E eu acabei...

RMJ: E a UFRJ e a escola de Ciências Sociais estavam fechadas?

MHM: O curso de Ciências Sociais da UFRJ estava sob intervenção dos militares. Vários professores foram cassados ou foram exilados. Então permaneceu lá um reduto resistente. Eu me preparei e estudei muito para fazer uma boa prova de História, com uma professora que era de lá, historiadora, tia de amigas minhas, que na realidade não aconselhava muito naquele momento ir para o IFCHS. A condição do curso estava sobre muita intervenção.

RMJ: A senhora lembra o nome dela ?

MHM: Ela era Silvia Barbosa. Ela era Silvia Barbosa. Ela já faleceu. Faleceu pouco depois por um edema cerebral, aneurisma cerebral. Ela morreu relativamente jovem. Eu tinha certa apreciação pela História... Mas eu escolhi mesmo, minha mãe me deu muita força, porque embora, assim, em casa tinha um misto “Mas deixar ela fazer um curso de Ciências Sociais não vai fazer grande transformação?” Mas minha mãe dizia assim: “Não. Eu vi que tem sociólogo na FASE (Federação de órgão para Assistência Social e Educacional – Solidariedade e Educação)”... porque ela frequentava a FASE... “tem sociólogo na FASE, ela vai trabalhar, e ela vai de alguma maneira conseguir uma carreira” [risos]. Então ela me deu bastante força nesse sentido. Então eu fui fazer. Eu fiz a seleção para Sociologia na PUC. Eu não escolhi fazer unificado na época. Fiz só para a

PUC. Na UERJ, meu pai tinha algumas críticas. Ainda mais que era só noturno na época. Era só noturno. Então ele, de alguma maneira, também deu forças. Porque a PUC... Fala.

RMJ: Não, desculpa professora. É que a gente está entrando nesse ponto que a gente chamou de “ingresso do campo”. Com o vestibular na PUC, imagino que a senhora possa falar um pouquinho, já falou, da opção pela Ciências Sociais. Quando? Por que? Mas falar um pouquinho também desse início que nos interessa, como é que foi esse início nas Ciências Sociais, primeiras impressões causadas. Se a senhora foi se aprofundando em alguma área específica, porque a gente tem Antropologia, Ciências Políticas e Sociologia. Como é que foi esse princípio? O que a senhora encontrou pela frente?

MHM: Eu vi isso até no roteiro de vocês. A PUC não tinha essa separação. Era um curso de Sociologia e Política, entende?

LPF: Ainda é.

MHM: Então não tinha áreas de concentração, como se chama em outros cursos. Então a gente tinha, já, aquela noção do ciclo básico, em que a gente tinha uma visão mais geral da economia, da Filosofia. Tinha forte a questão de ter que fazer disciplinas de Matemática e Estatística. Por conta da perspectiva mesmo é... Depois dos estudos sociológicos que lá já se faziam de grande porte. Eram estudos que trabalhavam com processamento de dados, pesquisas bem abrangentes.

LPF: Quantitativas?

MHM: Era. Eram quantitativas, embora sempre tenham perguntas qualitativas no campo, nas pesquisas. Mas tinha essa parte também, quantitativa. Então a gente trabalhava... Quer dizer, eu fiz depois desse ciclo básico... A gente também tinha no ciclo básico duas disciplinas que também foram muito importantes para mim, de História do Brasil. Era na época o professor Manoel Maurício de Albuquerque, que, também por várias razões, ele nem sempre participava das aulas porque ele tinha que se apresentar aos órgãos da repressão, ele foi de alguma maneira, também cassado. E ele dava muitas aulas em vestibulares e na PUC. Eu encontrei na PUC muitos ex-professores da UFRJ que foram acolhidos na PUC naquele período. E nessa leitura da história social do Brasil, que foi desde a colônia até o período imperial Isso foi para mim uma formação muito rica, de

fazer pensar toda a história social, política e econômica. Além dele, quem trabalhava era a professora Bárbara Levy, que já faleceu.

LPF: Professora?

MHM: Fale.

LPF: Então, só para a gente ter clareza. A senhora faz o vestibular em 1970. No final de 1970 para a UFRJ?

MHM: Não. Só para a PUC.

LPF: Só para a PUC, não é? Isso, então tá.

MHM: Naquela época as universidades públicas começaram a fazer os unificados. E eu optei por não fazer...

LPF: Perfeito.

MHM: E me dedicar mais à formação da PUC, que tinha essas exigências de Matemática. Já para a entrar a gente tinha uma prova de Matemática, que era um desafio para quem vinha de uma formação de educação média clássica mais das disciplinas humanas e sociais. Então, assim... Eu tinha muito na minha cabeça desde sempre: “Eu não vou ser professora, eu vou ser pesquisadora”. A vida nos dá, às vezes, uns acertos. Eu me tornei professora, já nos anos de 1990, quando fui para a Fundação Oswaldo Cruz.

LPF: Perfeito. Professor Mosca.

RMJ: Então, na PUC, a impressão do curso... A gente está nesse momento ainda bem duro, da ditadura civil militar. Cursos fechados na PUC, mesmo com professores ministrando aulas sob vigilância. Me pareceu um pouco isso.

MHM: É.

RMJ: E o clima entre vocês é fazer Ciências Sociais, o que significava naquele momento? Se a senhora puder falar um pouquinho mais sobre isso. A senhora falou que “foi buscar uma profissionalização em pesquisa”, mais o clima do curso, como é que era isso? E se existiam temas que eram aprofundados.

LPF: Outros proibidos... se existiam...

MHM: A gente tinha, quer dizer, no currículo... Depois que passava pelo ciclo básico, [chegávamos ao] ciclo profissionalizante, aí ele tinha algumas divisões. Mas a gente tinha algu.mas disciplinas de teoria sociológica com Madel Luz e metodologia de pesquisa com Miriam Limoeiro e Pedro Demo. Depois tinha alguns âmbitos. Eu acho que tinha um foco importante na questão da Sociologia do Desenvolvimento, que aí era dado por Hélio Jaguaribe, Fanny Tabac... Miriam Limoeiro fez uma passagem por lá, mas foi uma época que ela estava indo para fora do Brasil, e também acho que teve um problema de saúde. Então a gente lidava com trabalhos mimeografados dela. Mas eu não cheguei a ter muita aula com ela.

Na área de Ciência Política, nós tivemos aula com o professor Edmundo Dias, que depois foi para a UNICAMP, então ele dava percurso desde Maquiavel. E eu gostei muito dessa área de Sociologia do Desenvolvimento. Então assim, eu fui trabalhar com a Fanny Tabac, nos estudos empiricos que ela fazia sobre avaliação de politicas públicas. Tinha um Estágio Supervisionado de Pesquisa, que era uma das disciplinas eletivas que a gente podia fazer. A área de Antropologia era dada pelo Luiz Costa Lima, Manoel Diegues e sua filha Manoela. Mas eu estou falando de alguns nomes assim que... Mas tinham outros. Na área de Sociologia Urbana tinha a Helena Levy. Helena Levy, a Valéria Pena e a Neuma Aguiar sobre o meio rural também. Agora me faltou mesmo a memória. E na área de Metodologia a gente tive aula com a Isabel Picaluga, que foi também uma pessoa com quem, depois, eu trabalhei em um levantamneto sobre serviços sociais. Foi com Isabel quem me aproximou da Associação dos Cientistas Sociais e, depois, da APSERJ. Então era...

RMJ: Professora Maria Helena. A senhora pode falar mais, mas se a senhora quiser ir preparando um gancho, já que a senhora falou do ingresso aí na carreira... Como é, e quando a senhora iniciou a carreira no campo das Ciências Sociais? Como é que funcionava essa área de Ciências Sociais nesse momento? Como foi a formação a senhora já tocou um pouquinho não é, quais são os professores, o currículo. Se tinha uma questão que é bem presente em vários momentos, mas não sei se tinha naquele momento, que é sobre bacharelado e licenciatura. A senhora falou de ser professor e pesquisador.

MHM: É.

RMJ: E se a senhora fez também alguma iniciação, tipo monitoria, iniciação à pesquisa. A senhora falou um pouquinho sobre métodos quantitativos, imagino que seja equivalente a uma iniciação científica, não é? Enfim...

MHM: É.

RMJ: Mas se puder falar desse ingresso no campo profissionalizante, mercado.

MHM: Eu acho que na época a gente não tinha tantas oportunidades assim, era uma coisa bem mais limitada. Até mesmo essa questão. Eu me lembro desse estágio. Que era um estágio de pesquisa junto com a Fanny Tabac. Na realidade, entre nós, alunos, as grandes perspectivas que a gente via aparecerem era trabalhar junto com os professores, algumas vezes com bolsa de iniciação dos seus projetos, por exemplo, tinha toda a linha de trabalho que o professor... Agora me lembrei, Cândido Mendes, também fazia no campo da Ciência Política. E muitos colegas foram trabalhar com ele e Helio Silva. Eram campos, mais ou menos que se davam. Era uma perspectiva de um trabalho de ser introduzido na questão da pesquisa. Mas já trabalhando em alguns projetos... Naquela época se colocava a questão sobre partidos políticos e organização da estrutura partidária lá no campo da Ciência Política.

Dessa área da Sociologia do Desenvolvimento eu me aproximei com a Fanny Tabac , tanto para discutir essa questão, quanto a formulação de políticas. E depois, além do estágio que eu fiz na PUC, eu fui trabalhar com ela em um projeto que ela tinha financiado pela UNESCO sobre a questão das mudanças culturais ocorridas pela implantação da transamazônica. Então, aí já fiz uma pesquisa mais qualitativa, a base de entrevistas com parlamentares, eu estive em Brasília mais de uma vez, representando a ela nessa pesquisa da UNESCO, e fazendo o levantamento lá junto. Não só com os parlamentares, mas com diversos órgãos públicos. Isso me deu um pouco da dimensão do Estado brasileiro, de como ele se organizava nas áreas ministeriais, que de alguma maneira me levaram muito para essa opção por políticas públicas. Mas concretamente foi o que me apareceu... Eu tinha muita vontade de ser autônoma, de sair da casa dos meus pais. O que concretamente após a graduação apareceu foi essa seleção pública na previdência social para trabalhar no antigo Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) já em meados de 1975, cumprindo a intuição materna de empregabilidade.

LPF: Como socióloga ?

MHM: Como?

RMJ: O INPS?

LPF: Como socióloga?

MHM: Tipo INPS, como socióloga.

LPF: E a senhora chegou a fazer a licenciatura ou não?

MHM: Como?

LPF: Ou só fez o bacharelado na PUC?

MHM: Não. Eu não fiz a licenciatura. Por opção mesmo. É como eu lhe disse, não tinha...

RMJ: Desculpa professora. A PUC oferecia a licenciatura?

MHM: Oferecia. Quem quisesse poderia complementar com a área de Educação. Mas eu não fiz nesse momento.

LPF: Seria ao final do curso essa complementação professora?

MHM: Como?

LPF: Seria ao final do curso essa complementação?

MHM: Sim. Seria ao final como uma forma de complementação. Não contava com os créditos que a graduação exigia para graduar, entende?

RMJ: É o formato três em um, não?

LPF: Três mais um, perfeito.

MHM: Não eram exigências...

LPF: E aí a senhora...

MHM: Além disso, a gente teve que lidar com esta questão depois, que eu comento lá na associação, entende? Porque a gente tinha essa divisão. Muitas pessoas que só tinham a graduação, e muitas pessoas que só tinham a licenciatura, e de fato, a licenciatura era algo

discriminado. Uma pessoa formada em Sociologia, a princípio, podia dar aula de qualquer coisa, História, Sociologia, Matemática, através do registro do diploma no Ministério da Educação. Era uma coisa difusa. Acho que a regulamentação foi importante como um movimento posterior, entende? Não na época da ditadura. Inclusive, porque na época do regime militar, o que aconteceu? Nós tínhamos muitas licenciaturas curtas. Porque uma parte do conteúdo estava muito misturada na questão de Moral e Cívica. Talvez isso mesmo tivesse influenciado muito a mim, a não querer ser professora. Não era do meu interesse isso, já tinha essa percepção...

RMJ: É verdade...

MHM: ...crítica.

RMJ: Alguns autores, a professora Maria... Quando a professora Sueli Mendonça coloca essa questão que a senhora está falando. Como o projeto dos militares de substituição da retirada do currículo de Sociologia. E a entrada da questão da Moral e Cívica e OSPB (Organização Social e Política Brasileira).

MHM: OSPB. No meu ensino clássico na escola teresiana entre 1968 e 1970 tive aulas de Sociologia e Filosofia, além de História das Artes e Literatura

68

RMJ: Doutrinador moral dos valores conservadores naquele momento, que os militares gostariam de apresentar nas escolas. E isso, há uma disputa, porque alguns cientistas sociais formados que iam para essas disciplinas viviam esse dilema. É bem interessante a senhora falar, porque isso aparece em uma bibliografia sobre o tema bem... E a reforma...

MHM: É.

RMJ:.. as licenciaturas todas, só para concluir, também são citadas como um fenômeno de rebaixamento da qualidade de formação de professores naquele momento.

MHM: É. Era uma necessidade de compor um quadro de professores sem nenhuma perspectiva crítica. Uma pessoa que iria seguir aquele cardápio oferecido. Então isso era muito, muito forte, principalmente no interior, em São Paulo, onde você já tinha algumas universidades, faculdades autônomas, independente de estar num quadro universitário mais amplo.

LPF: E a senhora segue como socióloga no INPS e lá permanece, como foi essa trajetória?

MHM: Eu entrei no INPS como socióloga junto com outros. Nós éramos um grupo grande. E justamente, meu primeiro contacto com a APSEJ, foi para levar a... Para a APSEJ não, para a ACISEJ... foi levar algumas demandas de que a gente estava sentindo que, na realidade, esse cargo tinha sido criado, mas não tinha nenhuma regulação em relação como é que ele ia funcionar. E eu comecei... Eu fui convidada lá dentro do INPS mesmo, a discutir o nosso trabalho. O setor onde eu fui incluída, era uma unidade de prestação de serviços para reabilitação profissional de trabalhadores que tinham sofrido acidente, que estavam afastados por doença do trabalho, por invalidez. Então, na realidade, nós fizemos alguns movimentos internamente para que a gente começasse a trabalhar melhor a questão do mercado de trabalho, quais as possibilidades de conhecer.

Eu fui lotada em Duque de Caxias. O INPS estava criando esse centro lá em Caxias. Eu era a mais novinha, quase da idade da Gracielle. Eu tinha só vinte. Quando eu me formei eu tinha vinte e um anos recém feitos. Então, na realidade, de alguma forma, ali no contacto na seleção, eu já me distinguia um pouco dos outros colegas. E fui convidada a fazer parte dessa discussão no âmbito estadual e federal do INPS. Então nós formulamos algumas regras que a gente podia considerar que fossem adequadas a uma pesquisa mais aplicada a essa área de trabalho, de saúde, de educação. Em que a gente pensava não só no mercado de trabalho, mas também na força de reinserção de uma pessoa que tinha perdido a sua condição ou que estava com a sua condição reduzida.

LPF: Fantástico.

MHM: E o trabalho em si de prestação de serviços lá, era multidisciplinar. Então para mim, isso foi um aprendizado depois para trabalhar na saúde coletiva. Que você pensa e discute a questão junto com outros profissionais, com outras disciplinas.

LPF: A senhora se aposentou no antigo INSS ou não? Como é que foi essa transição?

MHM: Não, eu não me aposentei. Eu sou resistente [risos].

MHM: Eu já estou com quarenta e... Eu me formei em 1975. Já estou com quarenta e poucos anos de serviço público. E na realidade, eu fui migrando, entende? Lá do nível

local, eu fui para o regional, depois eu fui para o âmbito nacional. Trabalhava na parte de estudos e pesquisa... A previdência tinha umas coisas curiosas, a gente tinha uns departamentos e uns grupos de pesquisa. Então, eu trabalhava desde pesquisas mais qualitativas, quantitativas, para analisar avaliação de desempenho, como também, comecei a trabalhar com a questão da memória. Eu fiz um trabalho de memória da legislação previdenciária, desde o seu surgimento, até aquela época de 1970 e poucos. Mais aí, quando eu estava na direção geral do INPS, eu já estava na ACISERJ. E aí eu comecei a ser muito tensionada, muito questionada. Aí as pessoas ficam assim “Por que você não é logo presidente dessa entidade? Porque aí você a transforma em sindicato para você ficar liberada de vir aqui, de trabalhar aqui”. Eu brincava, dizendo: “Não. Não tem pressa. Nós não temos nenhuma pressa de nos sindicalizar” [risos].

Então foi assim a migração. Em 1980 eu já me aproximava do Centro Brasileiro de Estudos de Saúde, que era um dos órgãos importantes para a organização da área da Saúde Coletiva no Brasil e na discussão da reforma sanitária. E eu consegui com a direção do INAMPS ser redistribuída, como a gente chama. Fui a princípio só cedida e, depois, fui redistribuída para o INAMPS, onde trabalhava no planejamento de saúde, junto com o nosso querido Hésio Cordeiro, que faleceu ontem (08.11.2020), José Gomes Temporão, posteriormente Ministro da Saúde.

RMJ: É verdade... Eu recebi a notícia hoje.

LPF: Perfeito. Um registro importante. Eu também recebi a informação.

RMJ: Bem triste.

MHM: É.

RMJ: Ele foi bem importante na Educação.

MHM: Foi... quando entrei no Inamps o presidente era o Aloysio Salles, que também era uma pessoa progressista. Depois, em 1985, com a questão da transição e do governo do Sarney, o Hésio Cordeiro [ganhou mais notoriedade]... eu trabalhei com ele durante três anos.

RMJ: Professora, a senhora falou da ACISERJ. A gente tem a APSERJ sendo formada em 1982, é isso? Ou estou enganado?

MHM: Foi. É isso.

RMJ: Ano de fundação. A senhora podia falar... A gente acha que a senhora poderia entrar nesse ponto da APSERJ. E aí a senhora fala um pouquinho. Como a senhora teve contato? Como conheceu a APSERJ? Se a senhora participou da luta pela implementação [da Sociologia no Segundo Grau], que é uma das lutas que a APSERJ encampa. A APSERJ é um dos atores sociais que estão aí, à frente da... O professor Mauro Petersem, corrigiu muito bem, falou da volta. Da luta pela volta da Sociologia, naquele momento para o Segundo Grau. A campanha de assinaturas, as reuniões para o Grupo de Educação e toda aquela mobilização em torno de intervir ali na Constituição Estadual, até o processo de votação no plenário em 1989 do projeto. O que foi votado, na verdade, foi o projeto deputado estadual Acácio Caldeira. Fala um pouquinho sobre esse momento que... Acho que do início, isso. Depois a gente vai pegando outros pontos.

LPF: Mosca. Me permita professora. Antes desse ponto, fala um pouco sobre a ACISERJ, qual era o nome completo da associação. Como a senhora teve contato? Como é que foi a ideia de constituição? Só porque essa memória, ela está muito perdida. Eu acho que é importante a gente resgatá-la, até para poder, de alguma forma, fazer o registro, para que as gerações futuras tenham essa... Quais eram as questões, quer dizer, falar um pouco sobre esse momento um pouquinho anterior à APSERJ.

RMJ: Então, melhor ainda. Se tem uma relação... A senhora falou que tem uma relação entre a ACISERJ e a APSERJ. Se nessa transição a gente pode relacionar a APSERJ e a ACISERJ. Pode e como?

MHM: É, como eu disse a vocês. O primeiro contato que eu tive foi com a Associação dos Cientistas Sociais do Estado do Rio de Janeiro, esse é o nome completo, a ACISERJ. E que ela, na realidade, reunia sociólogos, antropólogos, historiadores, geógrafos. Eram uma organização bem mais complexa, mais ampla, que se organizou muito em função da abertura política. Eu já conheci em 1977. Eu fui chamada pela Isabel Picaluga para as primeiras reuniões de organização. Então, a ideia mesmo era de se fortalecer, quer dizer... Reunir, aglutinar os cientistas sociais do Rio de Janeiro na luta política pela redemocratização, na luta política, de alguma maneira, pela retomada de determinados, de um conjunto de direitos. Inclusive, especialmente a questão da anistia.

Nós tínhamos algumas questões que entravam na discussão da questão da anistia. E que, na realidade, como eu disse, fui para lá levando um pouco das minhas preocupações que eu já vivia, sentia, de dificuldades de funcionamento dentro da Previdência Social. Em que pese o fato de eu ter um cargo, tinha umas dificuldades para o entendimento sobre o que seria esse cargo e de como é que a gente poderia atuar. E lá, a maior parte das pessoas que se aproximaram, além de serem professores, alguns já consagrados, que vinham da UFRJ, que também tinham passado por algumas dificuldades. Tinham também vários estudantes pós-graduados, tanto do Museu quanto do IUPERJ. Principalmente do Museu e do IUPERJ, que na época eram os dois cursos que estavam com um funcionamento mais atuante. E depois, quando veio a anistia, aí se aprofundaram algumas discussões que eram necessárias. O Fiore lembra bem mais disso do que eu, mas por exemplo...

LPF: A gente vai entrar em contato com ele. Ainda bem que a senhora nos disponibilizou o contato. A gente vai entrar em contato com ele, hoje ainda.

MHM: É. Ele tem, quer dizer, ele tem uma memória da questão que ele estava lembrando a mim, que eu digo assim: ‘não, eu não tenho tão vivo para mim’, que era a questão da Lei dos Estrangeiros, regularizar a situação dos estrangeiros no Brasil no meio desse processo da redemocratização e da absorção deles também, no trabalho e na perspectiva da inclusão.

LPF: A senhora está falando do Estatuto do Estrangeiro lei 6.815 de 1980?

MHM: É isso mesmo.

LPF: A ACISERJ foi fundada, a senhora lembra quando?

MHM: Olha, a ACISERJ, eu acho que ela funcionou, assim, dessa forma, assim, meio livre, sem regimento, sem um estatuto muito forte. Deve ter sido de final de 1976, até 1980. Porque fomos nós, principalmente o grupo que ficou à frente da ACISERJ.... Entre 1977 e 1980 muita coisa aconteceu e as pessoas foram se reagrupando em outros interesses. Então o grupo que ficou teve que tomar uma decisão e fazer uma assembleia para decidir se a gente ia se transformar em uma entidade profissional. Quer dizer, isso se consolidou somente em um primeiro passo na necessidade de discutir a legislação, a nossa regulamentação profissional. Que era uma... Introduzia várias discussões, se deveriam ou não buscar essa regulamentação ainda dentro do regime militar. Até pela

influência mesmo das teses todas sobre a questão da vinculação da cidadania, com a questão regulamentação profissional, de você ter acesso a carteira de trabalho. Porque muitas vezes você tinha informes diferenciados, muita gente que trabalhava com projetos de pesquisa, mas não tinha um vínculo efetivo. E nós tínhamos um grupo grande de pessoas que estavam sendo efetivadas e trabalhando com CLT. Como eu na previdência. Como as pessoas que estavam no SESC, no SESI, IBGE, entende? Em instituições que trabalhavam com saneamento, assessorias de planejamento e outras que agora podem me escapar. A gente tinha isso. A gente tinha um vínculo. Eu mesma entrei por uma seleção pública, e depois confirmei o meu vínculo com um concurso público, passando da situação, naquela época se chamava de precária, não era estatutária ainda, para celetista. Então eu só me torno celetista em 1979 para 1980, entende? Quando é confirmado a minha seleção.

LPF: Então, só para tirar a minha dúvida. A ACISERJ era uma associação de cientistas sociais, mas que não tinha apenas formados em Ciências Sociais, você tinha historiadores, geógrafos. Você tinha um escopo mais amplo de profissionais...

MHM: É.

73

LPF: Alguns ligados ao mercado, outros ligados à vida acadêmica. Aí em determinado momento vocês tiverem que decidir se encerravam as atividades da ACISERJ para formar uma nova associação, é isso?

MHM: É. Para dar a ela essa dimensão de uma entidade profissional. O que você está falando, por exemplo, as categorias profissionais, uma boa parte não queria enfrentar essa discussão de buscar a regulamentação. Você vê, agora recentemente, que o historiador foi reconhecido em uma lei. Porque isso era uma discussão, quer dizer, no bojo da redemocratização isso era uma questão, entende? Que cidadania nós queremos? Que proteção social nós queremos? Entende? Para onde é que nós vamos caminhar na reconstrução do país? Então, essas eram questões que o pessoal do IUPERJ levava com o Wanderley Guilherme dos Santos, o Luiz Werneck Viana, que tinha a discussão mais do sindicato. Assim, se a gente vai ter uma entidade sindical ou pré-sindical que era uma associação profissional logo no início da regulamentação. Que natureza essa instituição vai ter? O que ela pretende no bojo do conjunto da organização das forças sociais para

fazer frente a esse regime? Então, tem uma discussão corporativa ao mesmo tempo ligada à discussão política da redemocratização. Então, isso não era... Não tinha consenso.

Então, aos poucos, as diversas categorias foram se reunindo, foram se agrupando em torno do seu grupo. O pessoal da Geografia, que também tinha as suas divisões, o pessoal da História. Na direção, quando eu cheguei na ACISERJ, os diretores eram variados. Além da Isabel Picaluga, tinha a Filomena, que era professora de História da UFRJ. Você falou outro dia, no Gisálio Cerqueira, eu acho que também era dessa época inicial. Ele não estava na APSERJ, ele esteve [na ACISERJ]. Ele era um dos que eram defensores de fazer uma entidade mais do campo mesmo da Sociologia e Política, entende? Aí já dividindo as áreas de conhecimento.

LPF: O Gisálio então, teria participado da ACISERJ, não é?

MHM: É. Que eu me lembre, ele tinha participado da ACISERJ. Não participou mais da APSERJ. E tem algumas pessoas que até se afastaram mesmo, fazendo as suas outras coisas. Outros sempre estiveram ali, de alguma maneira, junto conosco, alimentando essa discussão, como o próprio Luis Werneck Viana e Maria Lúcia Teixeira Werneck Viana que foi casada com ele, que era também lá do IUPERJ. E assim outros pensadores que estavam formando o campo. Quando a gente está falando do campo, eu, por exemplo, a minha formação é de Sociologia. Mas eu me sinto mais dentro desse campo da Saúde Coletiva, que é um campo interdisciplinar, do que das Ciências Sociais, embora minha formação seja essencial para fazer o que eu faço, tanto em termos de pesquisa, como em termos das disciplinas que eu leciono.

LPF: Só para entender, houve uma assembleia então, encerrando a ACISERJ.

MHM: Sim.

LPF: Fundando a APSERJ. É isso?

MHM: Fundando a APSERJ.

LPF: Isso aí é em 1977?

MHM: Não, não, 1977 não. Isso foi em 1982.

RMJ: 1982.

MHM: Para você saber: a APSERJ, para se formar já tinha que ter a regulamentação. Isso segue em sequência da regulamentação da profissão.

LPF: Perfeito.

MHM: Até então, até então a gente se agregava mais, entende? Na medida que tem essa luta, avança a luta para a regulamentação da profissão de sociólogo, muda um pouco o quadro. E aí as pessoas já tinham de alguma maneira um núcleo. A ACISERJ, ao final dos anos 1980, já era [formada] mais por sociólogos. Mas a gente ainda tinha esse nome ACISERJ, que era uma entidade civil. Fazer uma entidade profissional exigia outra regulamentação e outra inscrição enquanto instituição, inclusive existiu um momento, relação muito contacta com o Ministério do Trabalho.

RMJ: Professora Maria Helena, como é que foi, de 1982 em diante, com a APSERJ criada? Como a gente falou, as principais questões, imagino que...

LPF: Primeiros diretores.

RMJ: E até as primeiras questões, imagino que a implementação da Sociologia no Segundo Grau, a volta não tenha sido de pronto a grande questão. Mas como é que foi essa evolução até se chegar a essa questão.

MHM: Eu diria que essa questão, que é o foco para vocês, e eu acho justo isso, ela vai se dar lá por 1987 mesmo, no bojo de uma discussão maior, e já na assembleia constituinte, de como é que você ia implementar a reforma da Educação, quer dizer, tem outros significados. Eu acho que nesse período de 1982 que a gente formou a APSERJ, era a Isabel Picaluga, a presidente, o Jair Ferreira, vice-presidente, Luiz Carlos Fiore, tesoureiro, Paulo Martins e eu como primeiro e segundo secretários. Isabel, Jair e Fiore já faleceram. Suplentes eram Vera Pereira e Maria Lúcia Werneck Vianna. E tinha o conselho, ou estaria ali ligada ao conselho [conselho da associação?]. Essa primeira gestão vai de 1981 a 1984. Eu já vou assumir a presidência em 1984. Que aí já é um segundo momento que a gente já teria feito. Na medida que a gente regulamentou a profissão tinha toda uma exigência. A nossa regulação, ela possibilitava a atuação em diversas áreas. Tanto no ensino, quanto na pesquisa, quanto na extensão universitária. Ela teve um escopo abrangente. Então tinha, quer dizer, quem mais dirigiu esse movimento era a Associação dos Sociólogos do Brasil, cuja sede ficava em São Paulo. A primeira

que eu me lembre, a presidente que levou isso adiante, foi a Silvia Portela, em São Paulo. A Silvia depois se afastou um pouco da questão mais dos sociólogos e ficou mesmo na formação da CUT (Central Única dos Trabalhadores), de alguma maneira, ela se envolveu mais com a questão sindical. Mas nesse processo, nós tivemos alguns... Quando a gente corta, passa de ACISERJ para APSEERJ, primeiro a gente reduz o nosso grupo de associados.

LPF: O quadro social.

MHM: O quadro social reduziu bastante. Mas, por um outro lado, a gente fez um esforço muito grande em tentar entender quem éramos. Então, nós tivemos um congresso nacional em 1984, que foi feito aqui na UERJ. Foi uma coisa fantástica! Toda uma organização, uma estrutura bastante artesanal por um lado, mas que, de alguma forma, trouxe várias lideranças do Brasil todo.

LPF: O Congresso Nacional dos Sociólogos?

MHM: De sociólogos. Não era de Sociologia. Não era acadêmico. Era mesmo profissional, entende?

LPF: E aí a senhora já era presidente da APSEERJ. A senhora lembra outros nomes dessa diretoria?

MHM: Sim. Estavam lá o Paulo Roberto Martins, que eu falei com você, que era tesoureiro. Mas o Paulo Roberto está em São Paulo, hoje em dia ele está com outra coisa, ele me disse que ele não teria nenhuma documentação. Não teria muitas condições de contribuir. Tinha o Fiore também, a Maria D'Ájuda Aguiar, que era uma professora daquela faculdade... Ela foi da Candido Mendes. Ela era professora da Candido Mendes. Depois a Candido Mendes também teve vários revezes. Depois ela foi para aquela outra que é ligada à Igreja Protestante, metodista? Como é o nome dela? Ali em Botafogo.

LPF: Bennett?

MHM: Bennett.

LPF: Metodista Bennett.

MHM: É. Ela foi de lá. Tinha a Dulce Pandolfi, que foi do CPDOC.

LPF: Dulce Pandolfi?

MHM: Pandolfi, é. Ela foi do CPDOC na Fundação Getúlio Vargas. E... Essas são as pessoas que mais atuavam, que estavam mais ali presentes, no dia a dia para conduzir as questões. Mas outras pessoas se agregavam...

LPF: A Maria D'Ajuda e a Dulce, a senhora tem algum contato com elas? Talvez elas pudessem prestar algum depoimento como esse para retomar um pouco dessa memória para a gente.

MHM: Olha, eu pessoalmente, quer dizer, a gente se encontra em manifestações, essas coisas. Mas a gente não tem um contato tão próximo com a Dulce, não. Mas assim, posso ver quem tenha e tentar te passar.

LPF: A gente agradece imensamente.

MHM: A Dulce foi uma pessoa bem atuante nessa transição, nessa discussão.

LPF: Professora, só para me situar. De fato, a gente começou... A ideia inicial, o escopo inicial, o recorte da pesquisa, era mais o processo de luta pelo retorno, pela reintrodução da Sociologia no Ensino Médio. Mas pela experiência de pesquisa, a senhora sabe bem disso, muitas vezes o próprio campo vai nos mostrando a necessidade de alargar ou estreitar o nosso objeto inicial. E a gente percebeu com muita clareza, eu, o professor Roberto Mosca Junior e a própria Gracielle, a necessidade de regressar um pouco no tempo, daí essa preocupação, agora ampliada, com a ACISERJ, com esse contexto de época, com as principais questões políticas, sociais, econômicas. A senhora trabalhou, falou agora, por exemplo, nessa questão dos sociólogos de mercado, e daqueles que tinham uma vida mais acadêmica, mais voltada para o magistério. Isso é, atenção, importante para nós registrarmos aqui no nosso processo de pesquisa. A senhora falou por exemplo, outra questão muito interessante, que é o processo de formação do campo do sociólogo enquanto categoria. Então esse congresso da UERJ de 1984, essa questão da sindicalização, uma associação pré-sindical... Existia o propósito de se transformar num sindicato? Ou existiam resistências dentro da própria APSERJ em transformá-la em sindicato? A senhora pode trazer isso um pouco para a gente também?

MHM: É... Eu acho que essa resistência era permanente. Como eu disse, a gente tinha bastante influência aqui no Rio. Uma questão sobre o sindicalismo, embora nós tivéssemos aproximação com a discussão sindical. Nós fomos de alguma maneira, derrotados, a gente teve também a assembleia que decidiu por não se transformar em um sindicato, se manteve com a adição de uma associação pré-sindical profissional. Uma discussão grande por não ter, por não batalhar por um conselho de categoria. Um conselho...

LPF: A senhora queria fazer o sindicato, particularmente?

MHM: ... A gente considerava que... Eu não entendi.

LPF: A senhora, particularmente, estava no grupo de pessoas de associados da APSERJ que gostaria de convertê-la em sindicato ou não?

MHM: Eu achava que, naquele momento, pela minha inserção, que era importante. Não só do ponto de vista do mercado que a gente existia, que ampliava. Na realidade, o mercado acadêmico ele era mais restrito. Embora, por exemplo, todos os professores de segundo grau aqui do Rio, acabaram migrando um pouco para participar do SEPE-RJ, o sindicato dos professores. Então eram muitas forças que se dividiam num momento que, por exemplo, a gente tinha, eu, junto com Isabel, o Fiore, que estavam mais na direção, uma perspectiva de fortalecer o movimento dos trabalhadores, entende? Inclusive, a gente tinha e teve uma orientação de participar da organização e da fundação da CUT e de toda a discussão política da formação de centrais sindicais mais diferenciadas, já no final da década de 1980. Então havia... Agora isso não era um consenso, ou hegemônico, então a gente respeitava. A gente ia e discutia... tentava fazer com que essas assembleias fossem representativas para a gente poder acompanhar essa discussão, mas nós participamos dos congressos de unificação dos trabalhadores em São Bernardo do Campo, em duas vezes.

LPF: Isso no processo de formação da CUT?

MHM: Isso, no processo de formação da CUT, que foi uma, quer dizer, que foi uma grande discussão nesse momento entre 1983-1984, na discussão da transição política, até mais ou menos, até a discussão da Assembleia Constituinte.

LPF: E aí, só para a gente sedimentar um pouco da trajetória. Existia um grupo que queria transformar a APSERJ em sindicato. Eu vou dizer para a senhora, muitos anos depois,

que, assim como a senhora, eu também lutei para que a APSERJ se transformasse em sindicato e em vários momentos fui derrotado nessa discussão, também democrática. Onde outros segmentos da casa entenderam que nós deveríamos nos manter enquanto associação profissional. Então eu me solidarizo, muito pessoalmente. Porque a minha história pessoal dentro da APSERJ também passa por essa luta de transformação da APSERJ em sindicato. Inglória, porque também fui derrotado no processo político democrático, evidentemente. Então me solidarizo com a senhora. Aqueles que queriam transformar a APSERJ em sindicato, também eram os mesmos que lutavam pelo conselho? Ou você, por exemplo, tem assim, pessoas que de alguma forma não queriam a questão dos conselhos, talvez pela herança getulista, mais corporativista, mais controladora, talvez, das ações. Tem essa memória um pouco? Pode nos trazer essa informação de alguma forma?

MHM: Eu acho que essa divisão, que, mais ou menos, que você fez, se assemelha. Porque a gente considerou que tinha que batalhar por ter uma legislação que fosse a mais abrangente possível. Colocar ali na legislação que reconhecia a profissão, com uma possibilidade de descrições, de condições, para que as pessoas que exerciam reconhecidamente as práticas sociológicas, sem terem a graduação. Esse foi um trabalho muito intenso, que eu fiz bastante solitária, porque tinha mais liberdade de sair, apesar da pressão lá naquele, lá no INPS. Ir ao ministério do trabalho e me reunir com os funcionários do ministério do trabalho para reconhecer esses profissionais... Eu estou falando daquela época do quadro de quinhentos, seiscentos sociólogos no Rio de Janeiro, entende? Então, a gente vê ficha por ficha, a gente fez uma campanha muito grande, para as pessoas irem e pedirem um registro profissional. Então era uma... E a gente reconhecer até pela possibilidade figuras que a gente considerava oriundas das lutas populares, das lutas sociais, que tinham pelo seu trabalho de militância, pela sua produção intelectual, poderiam e deveriam ser reconhecidos como sociólogos, entende?

LPF: Tem alguns desses nomes de lembrança?

MHM: Bom, um bem conhecido de São Paulo é Maurício Tragtenberg. Aqui no Rio era Moisés Vinhas, que era do quadro do PC, e ele veio e tinha algumas publicações, ele tinha algumas publicações sobre a questão dos movimentos rurais no Brasil. Então eles tinham um levantamento, eles tinham uns estudos, o Maurício talvez mais estruturado, mas o

Moisés Vinhas também tinha, e que iam, frequentavam o espaço lá na associação, a gente discutia. E outros tantos, menos conhecidos. Mas aí, inclusive, essa questão do reconhecimento de quem tinha só licenciatura, não tinha graduação, ou tinha só graduação, mas não tinha licenciatura.

LPF: Deixa eu dar um passo para trás então nessa memória. A senhora diria, ou seria razoável supor, que a regulamentação da profissão dos sociólogos que se dá pela lei de 1980, se não me falha a memória, foi uma das grandes conquistas da ACISERJ, ou da qual a ACISERJ participou ativamente, melhor dizendo.

MHM: Foi uma conquista dos sociólogos do Brasil, entende? E que a ACISERJ teve um papel fundamental, não só no momento em si de levar a discussão para a assembleia para discutir o projeto, de conseguir apoio para a sua regulamentação. Como depois, nessa questão concreta mesmo, de você dar condições às pessoas terem o conhecimento e o poder de, alguma maneira, acessar os recursos que naquela época já começavam a se abrir, de projetos, de redefinição de financiamentos, ou de fazer parte de equipes. É uma profissionalização mesmo.

LPF: Nesse momento inicial, então, da APSERJ, das duas primeiras gestões, talvez, uma das quais foi encabeçada pela senhora, que foi a segunda gestão pelo o que eu entendi. E uma primeira gestão tinha tido como presidente, a Isabel Picaluga...

MHM: Izabel Picaluga.

LPF: Quais teriam sido, assim, as grandes conquistas desse momento? Foi a profissionalização? Quais teriam sido, na sua avaliação, as grandes realizações, as grandes conquistas desse momento?

MHM: Eu acho que...

LPF: Que antecede a questão da reintrodução da Sociologia no Ensino Médio...

MHM: Eu acho que tem a questão da regulamentação, tem a questão do... Em termos, assim, já regulamentados, de dar com maior clareza de qual seria a atuação, por exemplo, do próprio sociólogo como professor na rede pública, entende? Isso não teve necessariamente uma... A lei abarcava isso. Mas além da lei, a gente precisava fazer com que as pessoas, ao serem registradas, terem a garantia de que elas poderiam dar as aulas

de Sociologia. Porque até então, o ministério [do trabalho] não reconhecia isso. Nem o ministério, nem o MEC [Ministério da Educação e Cultura].

LPF: É um registro como professor, não é? Aquele registro do professor.

MHM: Como professor, como professor. Foram, acho, que conquistas importantes, e foram os encontros nacionais que nos permitiram de alguma maneira esse sucessos. A gente não foi ao primeiro congresso em Belo Horizonte, mas, esse congresso aqui do Rio de Janeiro, ele conseguiu reunir também uma série grande de pessoas, e mapear um pouco todas as áreas, todos os setores onde a gente estava trabalhando, entende? Então teve dentro do congresso mais de vinte grupos de trabalho, entende? Grupos sobre feminismo... Então a consideração, já naquela época, sobre as questões de gênero, violência, que se colocavam em outra perspectiva. Mas, de alguma maneira, todas essas lutas no âmbito da sociedade, da incorporação de uma idéia mais ampla de direitos, foram importantes nas diversas lutas até, de alguma maneira, levar isso para a Assembleia Constituinte. Acho que foram várias. Aí eu já estava um pouco mais afastada dessa luta concreta, estava até mais inserida na questão da Saúde Pública. Mas a gente, de alguma maneira, buscava ter representação em todos esses âmbitos, dar apoio a quem estaria trabalhando nessas frentes.

LPF: Isso foi absolutamente fantástico! Eu mesmo aqui, olha: minha carteira, meu registro de sociólogo, frente e verso, olha aqui ! [nesse momento, o prof. Lier mostra seu registro de professor de Sociologia junto ao MEC]. Então a gente tem aqui aquele registro. Aquele velho registro de sociólogo. E aqui na frente as disciplinas, História, Sociologia. História no primeiro grau e OSPB no Segundo Grau. Aqueles que nunca viram , não é? Professor Roberto Mosca Junior, Gracielle muito menos.

GR: Realmente. [risos]

LPF: Aqui está a simpática fotinho... ainda muito jovem... irreconhecível, diria hoje. Mas esse registro...

GR: Com cabelo e sobrancelha ainda.

MHM: Isso na realidade, foi ser aprofundado por essa outra gestão. Quando eu acho que... Eu não tenho bem certeza... aí nesse meio tempo você tem filho, um monte de

coisas acontecem e eu passei a... Eu tive duas gestões como presidente da APSERJ e depois foi Oséias que assumiu a presidência. E aí, essa discussão da Sociologia, o retorno da Sociologia para o ensino [médio], ela já estava mais consolidada, mais fortalecida.

LPF: Foi quando eu entrei para a APSERJ, em 1989, e esse era o movimento. Oséias Laranjeiras era o nosso presidente, da nossa sede lá na Rua do Catete 183,189, não?

MHM: 142.

LPF: 142, sala 203, não é?

MHM: 142. A primeira SEDE foi 183, era lá do outro lado. Mas depois essa 142 era em cima ali do...

LPF: Do metrô.

MHM: Do museu. É do metrô, em cima do museu, não é?

LPF: Isso.

MHM: Que ali tem uma sala do Museu do Catete... Centro folclórico, uma coisa assim.

RMJ: Museu do Folclore.

MHM: É.

LPF: Isso mesmo. Excelente.

RMJ: Professora.

MHM: Fale.

RMJ: Pode falar.

MHM: Não, era só uma brincadeira, que esse Congresso Nacional que a gente fez em 1984, ele foi tão exitoso que a gente ficou com renda para funcionar. É claro que eu era a administradora [risos]. Bastante rigorosa [risos]. A gente ficou com condições de funcionar, de trabalhar, de ter aluguel pago, até esse período de 1989. Ainda deixamos um legado para as outras direções.

LPF: Fantástico!

RMJ: Professora, foi muito rico o relato, assim, de uma dimensão que eu acho que... pouco iluminada pelas pesquisas na área de memória de Ciências Sociais. E aí a senhora falou que não teria acompanhado muito por conta de não estar presente tão presente na gestão, da questão da Sociologia no Segundo Grau. O que a senhora tem de memória desse momento? O que é mais relevante que a senhora poderia falar para a gente relacionado a APSEERJ, a campanha no âmbito, principalmente, estadual? Porque até 1989 algumas ações... O que marcou a senhora? Quais foram as ações, assim, que a senhora pode lembrar? Sobre essa questão do Ensino de Sociologia, da volta do Ensino de Sociologia no Segundo Grau, como apareceu isso? As pessoas iam procurar? Tinha esse debate?

MHM: Eu acho que tinha. Eu me lembro, assim, Paula e Mauro, eram muito jovens quando foram nos procurar. Não que eu não fosse jovem também na época, mas já tinha uma vivência, já tinha um tempo de vida. E na realidade, as pessoas trazem novas demandas, a gente já tinha, de certa forma, esgotado. Já havia até uma transformação, vamos dizer, desse campo da Sociologia mais aplicada ao mercado, já tinha uma mudança. Porque estava se fortalecendo a questão da ideia de direitos, e da formulação de políticas. Então, alguns empregos que existiam nesse campo das ações sociais já tomavam alguma outra direcionalidade, e diminuía. Não havia mais tanta renovação de vagas, de pessoas entrando. Então, o campo do ensino, é um campo forte, é um campo importante. E além do mais, com a necessidade da redemocratização, e da incorporação de determinados valores, princípios na educação, era um campo de lutas também, no sentido de você levar o conteúdo que tradicionalmente tinha feito parte do ensino. Acho que desde a década de 1940 ou 1950 tinha o ensino das Ciências Sociais, da Sociologia, da Filosofia, no segundo grau. Era importante para a formação das pessoas. No primeiro grau, era mais a História, mas no segundo grau você tinha. E você ter perdido isso ou não ter isso regulamentado de forma que o empresário ou o próprio estado, pudesse oferecer ou não oferecer.

Era uma questão concreta a se levar, fora que, é o que eu digo, assim, esse período dos anos 1986, 1987, 1988, todos os campos de políticas públicas tiveram uma densa discussão. Na saúde, a gente teve a reforma sanitária. A educação, tinha algumas coisas já garantidas desde os anos da constituição de 1946, em termos de orçamento. Então ela

tinha outra dimensão. Necessidade, mesmo, era uma discussão mais ampla dos seus conteúdos, da sua publicização e gratuidade. Mas ela já tinha um pouco estruturado os recursos que davam condições dela se colocar, e também a definição do direito de cada um dos níveis de ensino. Então, o aprofundamento era mais por esse lado mesmo, a dimensão da prática política, da prática de reprodução, e de transmissão de valores. Então isso foi muito amplo. E sempre teve, na realidade, que eu me lembre, eu estou dizendo que não participava mais tanto porque eu estava com neném pequeno. Então, não tinha tanta disponibilidade assim para viajar. Mas eu me lembro que Mauro, o Antônio Jardim que eu ainda não mencionei. O Antônio Jardim nessa virada, depois desse Congresso Nacional em 1985, 1987, ele passou a também estar na direção da APSERJ, ser vice-diretor da APSERJ... Ele era técnico, um sociólogo, ele não era... A categoria dele dentro do IBGE não era, acho que, Sociologia. Depois ele mudou isso, ele era de carreira do IBGE, ele entrou, assim, como recenseador, mas ele foi, de alguma maneira, mudando lá por causa até da formação dele, de fazer pós-graduação. Então, toda essa configuração de planos, cargos e carreiras, ele foi de alguma maneira se colocando forte, com outra perspectiva na carreira de Ciências Sociais. Mas o Antônio Jardim foi uma pessoa que deu muita força, e ele era professor, lecionava em várias faculdades dessas privadas, não simultaneamente, mas ele foi de alguma maneira uma pessoa [importante], consolidando muitos programas, muitos currículos para a formação em Ciências Sociais. Fala.

LPF: Então professora, só para a gente tentar entender. Eu conheci bem o Jardim, uma pessoa espetacular, alguém que eu pude privar da convivência ao longo de, aproximadamente 30 anos, até o falecimento dele. Gostaria de informar a senhora que nós estamos para ir na residência dele, com o antigo companheiro dele, para que a gente possa ver materiais que ali estejam para que possam ser incorporados na pesquisa, e a todo um processo de memória que junto com o Mosca e a Gracielle, a gente está a todo momento resgatando. Então, assim, acho que é muito importante essa menção, essas figuras, Isabel Picaluga, Oséias Laranjeiras, quem conheceu o Oséias, que figura extraordinária, que homem doce, que intelectual sofisticado, que coração generoso o Oséias tinha. São testemunhos, acho que, muito importantes para as novas gerações. O Jardim, que intelectual brilhante, que refinado, que pessoa delicada, no sentido do trato, do convívio, da erudição, da importância. A senhora demarcou muito bem nessa trajetória profissional que ele teve como professor do Ensino Superior, e como sociólogo do IBGE

de carreira, ao longo desses processos internos de transformação. Mas a senhora tratou a pouco de um ponto que me chamou bastante a atenção. A senhora disse “olha, tanto a ACISERJ, no momento inicial, quanto depois a APSERJ, lutaram pela consolidação de um campo profissional da Sociologia, o sociólogo como profissão, que vai estar no INSS, vai estar na Eletrobras, vai estar no IBGE. E depois essas pessoas acabaram se afastando um pouco da luta dos sociólogos especificamente, porque eles aderem a uma nova identidade profissional, a senhora mesmo falou “eu comecei a me ver muito mais como uma profissional da saúde, do que efetivamente como socióloga, embora a minha formação, a minha história, a minha trajetória toda passasse pela Sociologia”. Então, eu queria que você desenvolvesse um pouco mais esse ponto, e desenvolvesse também um outro ponto que a senhora trouxe na sua fala, que era o Ensino de Sociologia, ou seja, a Sociologia no Ensino Médio no antigo Segundo Grau, como um elemento de um novo campo de lutas para o sociólogo, ou seja, isso colocando-se também dentro de um novo mercado que se abria mediante luta, quer dizer, não era um mercado de... Não era uma abiogênese, uma geração espontânea, mas era uma frente de lutas que se abria, também um espaço de atuação profissional para o sociólogo. Gostaria que a senhora retomasse um pouquinho essas duas ideias e tentasse de alguma forma linká-las na sua fala, me parecia muito interessante isso para a nossa pesquisa.

MHM: É. Deixa eu ver se eu consigo essa...

LPF: Essa ponte.

MHM: Essa ponte. Porque, assim, os muitos anos que a gente tem de vida vai fazendo a gente passar por vários lugares. Então assim, como eu te disse, eu me sinto... Vamos dizer assim, em termos de campo, de conhecimento, eu me sinto muito na saúde coletiva, mas como uma socióloga, entende? Isso é inclusive uma coisa que eu discutia com alguns colegas e, por exemplo, na nossa... Eu participo ativamente da Associação Brasileira de Saúde Coletiva. E na realidade, eu faço parte da comissão de Ciências Sociais, em que a gente discute sobre a questão do ensino das Ciências Sociais para os profissionais de saúde. E aí, é um campo de luta para você estabelecer práticas sociais mais ampliadas. Que as pessoas ao se inserirem, mesmo na saúde coletiva, elas de alguma maneira, elas vejam aquele ambiente e entendam as determinações sociais de como é que as pessoas vivem. Elas vivem, elas trabalham, elas adoecem. A gente trabalha com uma concepção

bem ampla dessa discussão. Agora isso tudo vai exigindo, exigiu de cada um de nós, sociólogos, em determinado momento, um aprofundamento, podia ser no campo teórico, ou podia ser nesse campo mais das práticas. Eu acho que eu sempre me identifiquei mais como uma pessoa das práticas, entende?

Então, na realidade, eu brinco com outra pessoa também, a Maria Helena Machado que é de Minas Gerais, ela foi presidente da Associação dos Cientistas Sociais... Sociólogos de Minas Gerais, Belo Horizonte. E trabalha comigo na Fundação Oswaldo Cruz com a questão da Sociologia das profissões, ou seja, eu acho que o conhecimento se especializou muito. E com essa especialização a gente, às vezes, é obrigado a ampliar essa nossa identidade, no âmbito de uma carreira. É diferente você pensar a identidade de uma carreira, e pensar uma trajetória. A gente está falando aqui, mesclando várias questões. Mas é claro que isso vai se dar no âmbito de uma vida. E na realidade, isso pode ser mais fundamentado se começar essa visão mais crítica, a partir de uma formação como ser humano, cidadão, numa idade bem precoce. Eu como mãe, como educadora, eu já do outro lado, vi os meus filhos de alguma maneira, passarem a ter uma apresentação sobre a vida, sobre a cidadania, completamente diferente do que eu vivenciei na minha infância.

LPF: A senhora está enfatizando a importância da Sociologia na escola?

MHM: Na escola.

LPF: Fantástico!

MHM: Porque como é que você vai conhecer o seu meio, como é que você vai entender o que e como as coisas acontecem na vida social. E se você não tiver alguma visão mais crítica, e a introdução em alguns conceitos em algumas categorias, vai ser difícil. Eu me lembro assim, que, na minha adolescência eu adorava as aulas de História, porque ali me permitia viajar, viajava no tempo, estava em lugares, como é que se diz, e em tempos diferenciados. Mas a gente precisa trazer para a realidade. E eu acho que isso as Ciências Sociais vão trazer mais a Sociologia, mais do que necessariamente a História ou a Geografia, elas podem se complementar e até se articularem. Eu tive bons professores que ajudavam a articular. Davam História, mas mostravam os mapas. Davam História, mas eram capazes de falar da vida. Isso é importante na formação do ser humano, do ser político.

LPF: E aí você, Mauro, Paula, Otair, essa nova geração que se aproxima da APSERJ, que chega na APSERJ, que já vai trazer essa perspectiva da Sociologia no Ensino Médio... Como é que foi esse começo?

MHM: Eles traziam a vivência deles. Era a experiência, vamos dizer assim, quer dizer, era um grupo que vinha com uma outra vivência, com uma outra experiência, e trazendo os seus dilemas, os seus desafios para nós. E a questão toda era o quanto a gente podia dar espaço. Eu acho que aí nesse momento era isso, a gente conseguir aceitar. E aí, por exemplo, eu acho que a figura já naquela época... O Oséias era um pouco como eu. Era da linha da prática, do mercado ampliado. Mas assim, pega um Antônio Jardim, que já tinha essa outra pegada de estar dando aula em instituições universitárias privadas. E ele dá espaço, começa a articular. Antônio tinha várias amizades com pessoas em São Paulo, Paraná, da época mesmo da organização, onde essas questões vinham sendo colocadas. Então eles foram. Foram participar de eventos dos sociólogos, para os quais essa era a questão daquela época, daquele contexto novo que se colocava. Eu acho que tem isso, acho que foi muito importante. Eu ainda nem mencionei, que são tantas coisas, mas, por exemplo, o Antônio Jardim se aproximou da APSERJ porque a gente tinha, no espaço da APSERJ, aulas de formação que eram dadas até por dois professores da UFF. Uma eu não consegui... Falei qual foi, mas não consegui lembrar. Um era o André Laino, que é um cientista político. E o outro não estou conseguindo me lembrar, não sei se o primeiro nome dele era Marcos. Eles davam aula de formação sociológica dentro da...

LPF: Márcio?

MHM: Não. Era Marcos, eu acho. Não era Márcio não.

LPF: Marcos. Eu estou anotando aqui, inclusive, para levantar. O André Laino foi meu professor na UFF, inclusive.

MHM: É. Eles eram da UFF. O outro que também era da UFF.

LPF: Marcos Waldemar, talvez?

MHM: Não. Não era não. Porque era muito rico, as pessoas iam à noite fazer cursos de formação. Era uma época que a gente também... Em cada um momento a gente estudava. Nessa época em que eu estou falando da ACISERJ/APSERJ, tinha uma outra entidade

muito importante aqui no Rio que era o SOCII. Não sei se vocês já ouviram falar. Ela também reunia diversas pessoas. Mas o SOCII era mais ampla, entrava para a coisa da cultura, da linguagem.

LPF: Você lembra o que significava a sigla?

MHM: Não. Mas eu posso depois perguntar e te dizer, porque meus irmãos faziam.⁴ Eu já estava com neném pequeno, não dava tempo de fazer de noite, ainda por cima isso. Era demais. [risos] Porque também na previdência eu tinha um horário para cumprir, tinha ponto para assinar. [risos]

LPF: As pessoas acham que o funcionário público não trabalha, é ao contrário...

MHM: É. Ainda tem isso. Mas eu acho que...

MHM: ... tem que mudar mesmo, modificar... E essas visões, essas necessidades de dar um outro espaço, outra dimensão das lutas dentro da associação, sempre foi uma questão forte para nós que ficamos à frente da direção em momentos diferentes. Mas a gente tem. A gente guarda, uma amizade. Para mim, Antônio era uma saudade enorme. Era quase um irmão.

LPF: Professora, a gente está em um espaço de memória e pesquisa, mas também de formação. Assim como, a senhora abriu espaço para pessoas tão importantes, particularmente na minha vida pessoal, o Mauro, Otair, Paula, enfim. São pessoas que eu trago, assim, na minha vida com muito carinho, com os quais muitas vezes... A Paula eu perdi o convívio nos últimos anos. Mas o Otair e o Mauro, jamais perdi o convívio, ao contrário, se tornaram meus amigos cotidianos, irmãos de luta e de vida. Mas a gente também tem um espaço de formação, e essa pessoa em formação é a Gracielle. Então para

⁴ Consultas posteriores junto à própria Prof^a. Maria Helena Mendonça permitiram identificar que o *Socii* - que em latim significa amigos, companheiros - ou Pesquisadores Associados em Ciências Sociais era um grupo de intelectuais como Michel Misse, Antonio Serra e Henrique Escobar, fundado em 10 de dezembro de 1977. O *Socii* reunia cientistas políticos, sociólogos, historiadores, geógrafos, filósofos e outros profissionais que se organizavam em comissões de trabalho e pesquisa para o desenvolvimento de projetos científicos, cursos, seminários e mesmo um *Boletim Informativo* com vistas à divulgação de um pensamento crítico e transformador da realidade social brasileira. Dentre suas principais realizações está a coleção *Textos Paralelos*, editados em parceria com a *Edições Achiamé*, que publicou títulos como *Sexualidade na Instituição Asilar*, de Joel Birman, e *Os Compromissos Conservadores do Liberalismo no Brasil*, de Gislene Neder.

a gente é muito importante que ela também se coloque como condutora, co-condutora desse espaço de pesquisa. E quero mais uma vez registrar, com toda a experiência que eu tenho, trabalho de pesquisa, com livros publicados no Brasil e fora, etc.: eu sou um terror com a tecnologia, eu tenho limitações, assim, absurdas na tecnologia. Mandar um e-mail, para mim, às vezes é um ato de sacrifício. Passar um zap é uma aventura político-pedagógica. Então, assim, esse trabalho não estaria acontecendo da forma que está acontecendo sem o trabalho da Gracielle. Que está sendo muito importante. Inclusive, para colmatar as minhas lacunas, digamos que, informacionais, com as novas tecnologias de informação e comunicação. Então preciso que ela também se coloque como entrevistadora, para que a gente arremate essa entrevista, que está sendo para mim espetacular. Fico aqui até às 22:00 h sem almoçar... [risos]

GR: Está sendo muito boa mesmo a entrevista. Eu queria saber se a gente já pode passar para os adendos ou não?

LPF: Pode.

GR: Pode?

LPF: Você vai conduzir o negócio. Se a gente tiver que retornar, a gente retorna...

RMJ: Você pode conduzir.

LPF: Professora Maria Helena, também.

GR: Então está bom. Maria Helena, você pode falar um pouquinho sobre o que você faz atualmente? Se você ensina Sociologia no Ensino Básico ou Ciências Sociais no campo universitário, essas coisas assim.

MHM: Olha só, eu hoje estou como pesquisadora da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca na Fundação Oswaldo Cruz, e participo do programa de pós-graduação em Saúde Pública, em Saúde Coletiva da escola, e sou responsável pela disciplina obrigatória, que justamente se chama: Estado, Sociedade e Política de Saúde. Então assim, tem sido até uma coisa bastante difícil nesse momento de pandemia, tendo que usar toda essa questão dos instrumentos tecnológicos, de comunicação. Em que, essa relação com os alunos fica totalmente distanciada. E a gente sente, por exemplo, nisso que a gente acabou de falar agora; a gente tem uma juventude, quer dizer, eu lido com

uma juventude que chega a nós procurando o curso de Saúde Coletiva. A maior parte vindo da própria área de Saúde, mais com uma vontade de conhecer e de saber outras questões, que aí inclusive, quando encontra uma disciplina como a que sou responsável com outros colegas, nos exige muito, porque tem uma expectativa enorme. Inclusive, em relação... Não só tanto... Hoje em dia há uma pressa muito grande, então eles não querem saber da história. Como aqui a gente está conversando de trinta, quarenta anos de histórias de vida. E na realidade, os temas de hoje retomam algumas questões que já discutimos no passado, mas de uma outra forma. Então o discente tem uma cobrança muito grande para a gente retomar o conhecimento sociológico, que de alguma maneira abrisse para essa perspectiva que trata das questões étnicas, das questões de gênero. Coisa que não era tão forte até uns três anos na formação que eu faço.

Então eu trabalho, de alguma maneira... Esse meu lado de ensino, ele de alguma maneira é uma introdução ao conhecimento do campo, da saúde como coletiva, onde o papel das Ciências Sociais é fundamental. A Saúde Coletiva só existe porque as Ciências Sociais ingressaram no campo da Saúde Coletiva, se não, era área biomédica. E a gente vive brigando um pouco por conta disso. Então esse é um campo. E a minha área mesmo de prática de pesquisa é a Atenção Primária em Saúde, que é o nível básico de atenção para toda a população, que ocorre no âmbito local. Então, também é importante toda essa apreensão... Do que é. Do que é necessário para você oferecer boas condições sociais, de saúde para a população.

LPF: Muito bem.

GR: Bacana. Na sua visão, o que você acha que a Sociologia mudou de antigamente para agora? E assim, as mudanças da Sociologia durante os anos...

MHM: Bem, eu acho que o corpo do que a gente falou... Como eu estou sempre... Você tem algumas mudanças fortes que foram acontecendo ao longo dessas décadas, que é: a gente tinha originalmente... Você tinha como grande campo de formação a graduação e algumas especializações. Mas nem é tanto do nosso fazer das Ciências Sociais uma coisa tão especializada. Então você tinha a outra forma de se aprofundar nos conhecimentos das Ciências Sociais, que é você fazer pós-graduação. E essa área da Ciência e Tecnologia nos últimos trinta anos, ela cresceu enormemente, ela intensificou os seus modos de

intervenção. E que exige, também, por sua vez, aos profissionais, aos professores, aos pesquisadores, um grau de produtividade muito maior, muito mais acelerada. Eu acho que isso está ficando em todos os campos das Ciências Sociais também isso se dá. A gente tem que tomar cuidado para não perder a condição de qualidade do que a gente faz, porque a... É muito forte hoje em dia, a introdução de alguma concepção mais avaliativa, de uma avaliação de mais qualidade que reflita mais desempenho, do que necessariamente, quer dizer, o conteúdo, o aprofundamento de determinadas questões. Então acho que isso influencia um pouco todas as áreas de conhecimento, inclusive, a própria Sociologia. A gente praticamente não recebe alunos das Ciências Sociais. Eu tive bolsistas de iniciação em um determinado momento dessa trajetória. Mas a própria bolsa de iniciação perdeu um pouco.

Hoje em dia as pessoas querem alguém mais formado, já mais com conhecimento. Então assim, em termos de campo em atuação, eu tive vários alunos nas Ciências Sociais, e dizia para eles: se você quer mesmo se firmar como sociólogo, vai fazer a sua pós-graduação lá nas Ciências Sociais, se você quer ficar aqui no meio mais interdisciplinar, pode até fazer uma formação como eu fiz aqui. Porque tinha a ver com a minha realidade, com o que eu estava aprofundando. Mas nunca deixei de beber lá na fonte, de tentar conhecer e ver os novos pensamentos que estavam de alguma maneira se desenvolvendo no âmbito das Ciências Sociais. Acho que isso é uma questão importante. As temáticas que se trazem para o campo hoje, elas já guardam uma certa radicalidade, um delineamento bem diferente do que eu tive. Eu me lembro que vocês no roteiro, vocês perguntaram sobre filiação, aí eu pensei assim “poxa, eu tive um momento de tanta repressão dentro da universidade, que a gente, de alguma maneira, nem sempre buscava dizer que a gente estava filiado a tal linha”. Mas na realidade isso faz parte da nossa construção.

Então quando eu digo que um dos livros que mais me impressionava, tinha a ver um pouco com a relação com meu pai, mas eram as “Mudanças Sociais no Brasil”, de Florestan Fernandes. Era porque de alguma maneira, eu também me sinto filiada em uma determinada linha de pensamento, é das Ciências Sociais. E duas outras obras que sempre me tocaram muito por causa do meu trabalho inicial, questão do trabalho, do trabalhador, foram as “Lutas de Classes Sociais na França”, do Marx, eu tive que buscar para entender melhor quem é essa pessoa com a qual eu tenho que atuar. E a outra, que e aí abriu para

mim o mundo, que foi o “Processo Civilizatório”, de Norbert Elias, entende? Então é... Eu acho que a gente evoluiu o nosso desenvolvimento nessa linha, entende? De pensar de uma forma mais ampla na construção de um mundo civilizado, onde os direitos sociais, os direitos humanos, tenham o seu papel. E isso vai de alguma maneira, se projetar para a questão da educação. Hoje é um direito do jovem ter determinada... Desenvolvimento nos seus estudos, e é uma pena que a gente ainda não consiga. A gente vai deixando tanta gente à margem, então por isso, a gente tem que retomar alguns temas também.

LP: Professora, olha, eu fico absolutamente agradecido pela sua participação aqui conosco. Nós estamos chegando à duas horas de entrevista.

GR:- Isso aí.

LP:- O tempo passa, assim, de uma forma muito, muito breve.

GR: Muito rápido.

LP: Gostaria de saber se o Roberto Mosca Junior, se a Gracielle, teriam alguma outra questão para lhe fazer ou se a senhora também gostaria de fazer uma fala final para a nossa entrevista. Eu sou absolutamente grato, a senhora me recebeu, me acolheu tão gentilmente nos nossos primeiros contatos através do professor Otair, a quem eu agradeço pela oportunidade de me pôr em contato com a senhora e de trazê-la para o nosso projeto. Assim, só tenho que lhe agradecer. Qualquer outra lembrança, qualquer outra informação que a senhora tenha, que a senhora julgar que possa ser relevante, entre em contato com a gente. Porque, assim, às vezes a gente diz: “isso não, isso aqui não é importante”, mas, na verdade, pode ser sim. Porque pode abrir uma chave de reflexão para outras questões, que a gente rapidamente entende que deva correr atrás. Como a senhora disse, estamos falando de coisas que aconteceram há trinta, quarenta anos atrás. E os personagens que viveram, boa parte dos personagens que viveram isso já não estão mais entre nós, conosco. É o caso do Jardim. É o caso da Isabel Picaluga. É o caso do Oséias, do Jair Ferreira. Enfim, dentre tantos outros. Então se a gente puder amalgamar, a gente acha que esse é o momento de tentar conversar com aqueles que estão ainda conosco. Resgatar essa memória e deixar isso em um acervo audiovisual e também numa publicação. Um propósito nosso, um dossiê na revista do departamento. A gente não sabe se vai materializar ou não, mas é um propósito nosso deixar essas entrevistas em um dossiê

especial, para que outros pesquisadores possam, de alguma forma, ter essas informações quando todos nós não estivermos mais aqui, para poder passar essa memória.

MHM: Eu também queria agradecer a vocês, Na realidade, sempre é uma oportunidade da gente, de alguma maneira, fazer uma reflexão, voltar no tempo, ir nas nossas escolhas, nas nossas condições e refletir sobre uma trajetória, o quanto que, de alguma maneira, ela pode, de alguma forma, ajudar a compor. Eu acho que a memória ajuda a compor uma identidade, que ela pode não ser fixa, ela pode se modificar ao longo do tempo, em termos, assim, de uma categoria profissional, cujas trajetórias individuais, a gente falar aqui das pessoas que se foram, são tantas né?

LP: Tão queridas.

MHM:- Tão queridas, que fizeram parte da nossa vida e com as quais, quer dizer, essa relação afetiva, com alguns é mais ríspida, mas outros são pessoas tão doces. E ontem o próprio falecimento do Hésio me fez muito pensar nisso. O quanto que, às vezes, a simplicidade e a doçura nos ajuda a avançar nessa formação, entende? Eu penso muito nisso quando eu oriento. Eu penso muito nisso quando eu dou as aulas, entende? O que a gente pode levar de luz sobre as coisas que já aconteceram e pensar no presente que a gente vivencia. Então acho que essa questão também da memória é importante, ela nos falha, e a gente quando chega a certa idade vê até isso. Falei com o Lier que eu dei a maior parte das coisas que eu tinha para o pessoal que trabalhava com a Luitgarde. Eu não consegui muito localizar aqui em casa muitas coisas. Mas eu tenho certeza que eu tinha guardado, pelo menos, uma cópia de cada um boletim. Mas não sei. Eu posso ter dado para o Antônio, qualquer coisa assim, que estava seguindo mais de perto. Porque quando a gente encontra esses nomes, essas figuras... Hoje em dia tem tanta coisa que a comunicação nos ajuda, né Gracielle?

GR: Ajuda muito.

MHM: Os Lattes, as coisas da vida.

LP: Facebook [risos].

MHM: Nos fazem, de alguma maneira, identificar e pensar. Eu acho esse esforço de memória, dependendo de como vocês realizarem, acho que vai ser bem interessante, porque não é uma história das pessoas, é uma história mesmo da organização, da tentativa de organizar e dar uma funcionalidade para uma determinada categoria dentro da sociedade, nos diversos momentos de inflexão que nós vivenciamos. Foram trinta, quarenta anos com muitas mudanças. Então eu acho que eu gosto muito das palavras “mudança social”, de pensar uma coisa tão rígida, tão fixa, como alguma possibilidade da gente incorporar sempre novos valores, novos grupos, novas demandas. E eu acho que é isso que vocês estão fazendo. Acho que isso é importante também.

LP: Obrigado, professora.

RMJ: Obrigado, professora.

GR: Muito obrigada, Maria Helena, sua fala foi riquíssima.

LP: Quero só dar uma informação. Os documentos que estavam com a Luitgarde, estão comigo.

MHM: Você falou.

LP: Na verdade, está conosco no Colégio Pedro II. Eu fui buscar na sala dela. Professora Luitgarde é outro “alvo” desse nosso roteiro de entrevistas. Uma pessoa também muito próxima de nós. A gente quer fazer essa visita no apartamento onde o Jardim residia. Nós estamos procurando essa visita. Mas se a senhora encontrar qualquer coisa aí no fundo da gaveta, numa caixa de “bagulhos” velhos, a senhora entra em contato comigo, ou tira uma foto e me manda pelo WhatsApp, a gente já entra em contato direto.

MHM: Tá.

LP: Qualquer coisa que a senhora precisar, fala comigo “Lier, achei, pode vim pegar aqui, ou te mando”. O que a senhora tiver, estamos aí.

MHM: Tá ok. Está ótimo. Porque realmente a gente tem muito carinho. Porque a gente fazia... A gente não tinha as tecnologias. Então a gente era um corta, cola, bota a letra set.

LP: Mimeógrafos.

MHM: Um trabalho artesanal. [risos] Era muito gostoso. De alguma maneira tentava recolher algumas das coisas que eu aqui memorizei, mas que na realidade, estava mais formulado, mais estruturado lá. Mas foi muito... Sempre é bom a gente falar da...

LP: Mosca, faça um encerramento formal do nosso trabalho de hoje.

RMJ: Eu queria consignar o que o professor Lier falou para a senhora, e agradecer muitíssimo. Certamente essa fala vai ficar aí para gerações de cientistas sociais, guardado na memória. Eu particularmente sou uma das gerações da década de 1990. Para mim foi muito elucidador para alguns temas que eu tenho acompanhado. Eu só tenho a agradecer, confirmar o agradecimento do Lier. E desejar que a gente consiga seguir juntos e vencer esse momento, e acho que as Ciências Sociais são fundamentais para isso.

MHM: Ela está sendo. Porque as pessoas estão desejosas...

LP: Vamos esperar que depois da pandemia, professora, possamos nos encontrar. Quem sabe tomar um Choppinho, fazer um brinde, todos nós aqui. Não apenas os que estão nesse trabalho. Juntar Otair, Paula, Mauro e outras pessoas que a gente... Tantas outras..

MHM: Com certeza. Mauro está vivendo no Espírito Santo, não é?

95

LP: Mauro vive há mais de vinte anos no Espírito Santo, onde ele é professor da Federal do Espírito Santo. Já está se aposentando o Mauro. Paula vive em Brasília, e é a nossa próxima entrevistada. Na próxima segunda-feira, Paula Martini.

RMJ: Mauro, semana passada, nos deu um depoimento também muito rico e a senhora hoje, Paula, na semana que vem. A gente vai reunir todos eles e certamente publicá-los em forma de dossiê, no primeiro momento.

MHM: Está ótimo.

LP: Um grande abraço.

GR: Obrigada, Maria Helena, Tchau.

MHM: Obrigada.

RMJ: Obrigado!